

## **PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO DE CANOA QUEBRADA**

**SHIRLEY CARVALHO DANTAS\***

### **Resumo**

Da relação do homem com a natureza resultam processos pelos quais as produções dos espaços são estruturadas, promovendo formas reais e simbólicas que são responsáveis pela transformação da natureza. Deste processo emergem relações sociais em que atuam os agentes sociais produtores do espaço, através de suas ações e percepções de classes, desequilíbrios ecológicos e ameaças ao meio ambiente. Para a realização do presente trabalho, foi escolhido como objeto de estudo, um privilegiado local turístico: Canoa Quebrada, no município de Aracati, estado do Ceará.

### **Abstract**

The relation of man with nature creates processes by means of which the production of spaces are structured. It promotes real and symbolic forms which are responsible for the transformation of nature. From this process rise out social relations in which act the space producing social agents by means of their actions, class perception, ecological unbalance and environmental threats. For the achievement of the present work, the very special and privileged touristical beach Canoa Quebrada was chosen. It is located in the town of Aracati, in the state of Ceará.

---

\* Arquiteta e Urbanista. Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, Universidade Federal do Ceará.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa<sup>1</sup> dirigiu suas investigações para a relação homem x natureza, na tentativa de compreender os processos que estruturam a produção dos espaços em que a natureza é urbanizada e integrada aos espaços construídos, notadamente nos casos em que o turismo é seu agente protagonista e desencadeador.

Foram consideradas não só as formas reais de apropriação pelas quais a natureza é transformada, mas também as formas simbólicas – o pensamento e o comportamento sobre estas apropriações e transformações.

Compreender tais processos passou também pelo pressuposto de que os problemas referentes à natureza dizem respeito às relações dos homens entre si, tendo em vista que a existência e as contradições de classes sociais relacionam-se diretamente às formas como o homem em sociedade se apropria da natureza.

Para esse propósito, elegeu-se como estudo de caso o núcleo praiano de Canoa Quebrada, localizado no município de Aracati, um dos destinos turísticos mais famosos do Estado do Ceará, cujos elementos naturais e rusticidade, que atraíram um contingente imenso de pessoas no início da década de 80, foram e estão sendo eliminados da paisagem.

Em todo o litoral brasileiro, essa problemática ambiental se faz presente tendo em vista que a valorização acelerada de certos lugares no litoral parecem ter escapado a todo tipo de orientação e controle, suscitando conflitos de interesse, destruição de paisagens e desequilíbrios ecológicos, fomentados pela ação social no espaço.

No início da pesquisa, buscou-se fundamentar algumas categorias de análise, como espaço, paisagem e lugar, a fim de se organizar questões no plano teórico que pudessem subsidiar a análise dos processos concretos de produção do espaço de Canoa Quebrada. Para esse fim, foram resgatadas as contribuições de diversos autores, com destaque para: Lefebvre, Yi Fu Tuan e Milton Santos.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é baseado na dissertação intitulada Turismo, Produção e Apropriação do Espaço e Percepção Ambiental, desenvolvida no Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, PRODEMA / UFC, da mesma autora, com orientação do Prof. José Borzacchiello da Silva.



Foi considerado fundamental, como ferramenta de análise, o estudo da Percepção Ambiental dos agentes produtores do espaço de Canoa Quebrada, partindo-se do pressuposto de que, ao se apreender a forma com que cada um percebe seu meio, é possível interpretar as causas e conseqüências de todo o processo de apropriação e produção do espaço.

A questão da percepção foi trabalhada tomando-se como base fundamentações trazidas de Yi-Fu Tuan, estudioso da Geografia Humanística, que desenvolveu seus trabalhos a partir da perspectiva da *experiência humana*. Segundo Tuan, "A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar",<sup>8</sup>

Num período de seis meses, no ano de 2002, a pesquisa destinou-se a identificar os agentes sociais produtores do espaço de Canoa Quebrada e captar suas inter-relações com o meio e entre si. Não houve nenhum rigor metodológico, considerando que esse tipo de abordagem deve ser único para cada espaço, priorizando-se a observação direta. Foram fundamentais, nesse sentido, as entrevistas, as conversas informais e as observações das marcas físicas construídas pela vida diária dos usuários de Canoa Quebrada.

A interpretação dos dados colhidos permitiu apreender, delinear e identificar algumas relações, alguns comportamentos, sentimentos e valores que, seguramente, têm um papel importante e, em muitos casos, decisivo, na formação de juízos de valor, de atitudes e de ações dos diversos agentes sociais sobre o espaço de Canoa Quebrada.

### **CATEGORIAS CONSIDERADAS – ESPAÇO, PAISAGEM E LUGAR**

As categorias de análise consideradas fundamentais para o estudo de Canoa Quebrada foram, entre outras, Espaço, Paisagem e Lugar. A mais abrangente, contudo, e que contempla as outras, é a categoria espaço.

---

<sup>8</sup> Ver TUAN, Yi-Fu. 1982.



## ESPAÇO

O termo espaço é utilizado com diversos sentidos, e sua compreensão pressupõe também considerar a complexidade de sua apropriação, da produção, do consumo, da distribuição e das relações que nele se estabelecem.

Sem dúvida, a maior contribuição que fundamentou a compreensão do espaço na sociedade enquanto condição e produto social foi a de Henri Lefebvre<sup>3</sup>.

A principal característica do espaço, para Lefebvre, é sua natureza multifacetada. Para ele, o espaço é, ao mesmo tempo, o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação. É também, ao mesmo tempo, um meio de produção, como a terra, e parte das forças sociais de produção, especialmente através da forma, ou seja, do arranjo espacial, cujas condições inerentes ao capitalismo reforçam interesses predominantes na sociedade.

É ainda objeto passível de ser controlado administrativamente, tendo em vista que é um instrumento de suma importância para o Estado, que o utiliza de forma a assegurar o controle dos lugares, sua hierarquia, a homogeneidade do todo e a segregação das partes.

Por fim, Lefebvre vê o espaço como palco para o conflito de classes, que nasce em razão da contradição fundamental do espaço capitalista, ou seja, sua pulverização para atender à demanda da sociedade de massa por fragmentos de espaço homogêneos e reprodutíveis para compra e venda. Em resposta a essa fragmentação, que torna o espaço abstrato, surgem, então, conceitos orgânicos de integração espacial, como espaço social, espaço pessoal, espaço residencial, espaço global, etc<sup>4</sup>.

Esse conflito de classes a que Lefebvre se refere representa diferenças concretas entre pessoas em consequência da dominação do espaço abstrato sobre o espaço social, em nossa sociedade atual. Segundo o autor, a principal contradição espacial da sociedade é essa confrontação entre o espaço abstrato, que se exterioriza através de práticas econômicas e políticas que se

<sup>3</sup> Desde 1968, Henri Lefebvre devotou-se a obras nas quais desenvolveu uma teoria marxista do espaço.

<sup>4</sup> Ver LEFEBVRE, Henri, *La Production de L'Espace*, 1974 e GOTTDIENER, 1997.



originam com a classe capitalista e com o Estado, expressando valores de troca, e o espaço social, ou o espaço de valores de uso produzidos pela complexa interação de todas as classes na vivência diária<sup>5</sup>.

Entender o espaço exige que se compreenda como ele é produzido. Segundo o autor, o espaço é produzido como nenhuma outra mercadoria, pois ele representa ao mesmo tempo um objeto material e um processo que envolve relações sociais, recriando continuamente tais relações. No caso em que é produzido pelo capitalismo, destrói a vida cotidiana e a natureza. Especificamente no cenário turístico, o espaço torna-se um objeto de consumo, onde o meio ambiente é consumido através da recreação ou pela implantação de equipamentos.

Três dimensões do espaço foram evidenciadas por Lefebvre em *La Production de L'Espace*. Harvey<sup>6</sup> buscou fazer uma generalização sobre as práticas espaciais e temporais de toda a sociedade mediante a construção de uma "grade" de práticas espaciais, conforme o Quadro 01. Tais práticas são fundamentadas nas três dimensões do espaço identificadas por Lefebvre: o vivido, o percebido e o imaginado, que possuem relações dialéticas entre si.

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Ver HARVEY, David em *Condição Pós-Moderna*, 1993.



**Quadro 01:** “Grade” de práticas espaciais segundo Harvey<sup>7</sup>

	Acessibilidade e distanciamento	Apropriação e uso do espaço	Domínio e controle do espaço	Produção do espaço
Práticas espaciais materiais (vivido)	Fluxos de bens, dinheiro, pessoas, força de trabalho, informação, etc.; sistemas de transporte e comunicação; hierarquias urbanas e de mercado; aglomeração.	Usos da terra e ambientes construídos; espaços sociais e outras designações espaciais; redes sociais de comunicação e ajuda mútua.	Propriedade privada da terra; divisões administrativas e estatais do espaço; comunidades e bairros exclusivos; zoneamento excludente e outras formas de controle social (policiamento e vigilância).	Produção de infra-estruturas físicas (transporte e comunicações; ambientes construídos; liberação de terra); organização territorial de infra-estruturas sociais.
Representações do Espaço (percebido)	Medidas sociais, psicológicas e físicas da distância; mapeamento; teorias da “fricção da distância” (princípio do menor esforço, física social, alcance de um lugar bom e central e outras formas de teoria da localização).	Espaço pessoal; mapas mentais do espaço ocupado; hierarquias espaciais; representação simbólica dos espaços; “discursos” espaciais.	Espaços proibidos; “imperativos territoriais”; comunidade; cultura regional; nacionalismo; geopolítica; hierarquias.	Novos sistemas de mapeamento, de representação visual, de comunicação, etc.; novos “discursos” artísticos e arquitetônicos; semiótica.
Espaços de Representação (imaginado)	Atração/repulsão; distância/desejo; acesso/negação; transcendência: “o meio é a mensagem”.	Familiaridade; aconchego familiar; locais abertos; locais de espetáculo popular (ruas, praças, mercados); iconografia e grafite; publicidade.	Estranheza; espaços de meio; propriedade e posse; monumentalidade e espaços construídos de ritual; barreiras simbólicas e capital simbólico; construção da “tradição”; espaços de repressão.	Planos utópicos; paisagens imaginárias; ontologias e espaço de ficção científica; esquetes artísticos; mitologias de espaço e lugar; poética do espaço; espaços de desejo.

<sup>7</sup> Obs.: Alguns esclarecimentos sobre a “grade” de HARVEY:

- i. a apropriação do espaço examina a maneira pela qual o espaço é ocupado por atividades, indivíduos, classes ou outros grupos sociais;
- ii. o domínio do espaço reflete o modo como indivíduos ou grupos dominam a organização e a produção do espaço mediante recursos legais ou não, a fim de exercerem um maior grau de controle sobre a forma pela qual o espaço é apropriado;
- iii. a produção do espaço examina como novos sistemas (reais ou imaginários) de uso da terra, de transporte e comunicação, de organização territorial, etc. são produzidos, e como surgem novas modalidades de representação.



- 1) Espaço vivido – seriam as práticas espaciais materiais que se referem aos fluxos, transferências e interações físicas e materiais que ocorrem no espaço de maneira a garantir a produção e a reprodução social;
- 2) Espaço percebido – consistiria nas representações do espaço compreendendo todos os signos e significações, códigos e conhecimentos que permitem falar sobre essas práticas materiais e compreendê-las, mediante o senso comum cotidiano ou os jargões utilizados por disciplinas acadêmicas (Geografia, Arquitetura, Engenharia etc);
- 3) Espaço imaginado – seriam os espaços de representação, as invenções mentais (códigos, signos, planos utópicos, paisagens imaginárias) que imaginam novos sentidos ou possibilidades para práticas espaciais.

Segundo Lefebvre, o espaço imaginado pode, por exemplo, influenciar a representação do espaço percebido, como também agir como força produtiva material com respeito ao vivido as práticas espaciais materiais. Ou seja, o que se deseja para determinado espaço pode afetar o modo como uma coletividade representa tal espaço e como este age em relação a ele.

Através dessa grade e, sobrepondo-se a ela, a estrutura de relações sociais em que tais práticas espaciais entram em ação, é possível vislumbrar parte da complexidade da experiência espacial de uma dada sociedade.

A utilização da grade de Harvey pode fundamentar pesquisas que privilegiem a constatação da necessidade dos vários enfoques metodológicos que a categoria espaço impõe atualmente. Analisando-se o imaginado e o percebido, por exemplo, compreende-se o vivido.

Valiosa contribuição foi também concedida por Milton Santos na compreensão e distinção da categoria analítica espaço em diversas obras dedicadas ao tema. Para Santos, a definição do espaço, é tarefa das mais difíceis. Entretanto, o autor propõe uma definição, por ele considerada por ele, operacional e fundada no real: "O espaço é formado por dois componentes que interagem continuamente: a) a configuração territorial, isto é, o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do homem; b) a dinâmica social, ou o conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento"<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Ver SANTOS, Milton, 1997.



Esta configuração territorial ou espacial seria dada pelo arranjo, a cada momento histórico, sobre o território, dos elementos naturais e artificiais de uso social: canais, vias, portos e aeroportos, redes de comunicação, prédios residenciais, comerciais e industriais etc. Segundo Santos<sup>9</sup>, o conjunto desses objetos criados forma o meio técnico sobre o qual se baseia a produção e que evolui em função desta.

A dinâmica social seria dada pelo conjunto de variáveis econômicas, culturais, políticas etc, que, a cada momento histórico, dão uma significação e um valor específicos ao meio técnico criado pelo homem, ou seja, à configuração territorial.

Rodrigues<sup>10</sup> trabalha a categoria espaço enfatizando a problemática ambiental inerente ao processo de apropriação do espaço. Para essa autora, o espaço é um produto social que "pode ser compreendido como a necessária articulação da sociedade com a natureza em todas as esferas e escalas" e, assim, o espaço passa a ser encarado como "locus" de reprodução das relações sociais de produção.

Nessa linha, a produção social do espaço é definida por Rodrigues como "um processo pelo qual se ocupa um espaço, no qual se produzem e/ou reproduzem relações socioespaciais e se reproduzem relações dominantes de produção e de reprodução, como parte integrante das relações societárias com a natureza".

Nesse contexto, é no meio ambiente urbano<sup>11</sup> que se explicitam de forma mais clara os processos que envolvem a produção e a apropriação do espaço: "O meio ambiente urbano mostra, com toda a clareza, a diversidade da riqueza e da pobreza, da produção e (re)produção de objetos, de cultura, de vida cotidiana enfim", e pode ser analisado, segundo Rodrigues, sob o ponto de vista macro e micro:

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Ver RODRIGUES, 1998.

<sup>11</sup> Segundo RODRIGUES, o meio ambiente urbano é o conjunto das edificações, com suas características construtivas, sua história e memória, seus espaços segregados, a infra-estrutura e os equipamentos de consumo coletivos, mas também significa imagens, símbolos e representações subjetivas e/ou objetivas (o "viver" cotidiano) e, por fim, também o conjunto de normas jurídicas que estabelecem os limites administrativos das cidades, as possibilidades de circulação, de propriedade e de uso do espaço – do acesso ao consumo da e na cidade.





- a) ponto de vista macro: análise que caracteriza tanto a homogeneidade como a diversidade de aspectos das e nas cidades. Mostra, de maneira geral, como ocorre o processo de urbanização e de construção da urbanidade;
- b) ponto de vista micro: o relato micro caracteriza a vida cotidiana e a ação dos homens em grupos ou formas específicas de habitar/produzir.

Essas premissas indicam que natureza e sociedade precisam ser compreendidas em sua globalidade, em sua dinâmica contínua e em suas inter-relações. Todos os aspectos da produção do espaço estão totalmente vinculados.

## PAISAGEM

O conteúdo etimológico do termo paisagem é proveniente de diversas línguas e, ao longo dos anos, passou a assumir vários significados. No grego, a palavra utilizada para indicar paisagem é a mesma que indica país, compreendido como espaço e não como divisão político-administrativa.

Os dicionaristas, nas línguas neolatinas, têm explicado a paisagem algumas vezes como um espaço regional, e outras, com conotação artística. Quando se referem a espaço, vinculam-na à natureza, ignorando a ação humana.

O termo francês *paysage* é o mais abrangente, envolvendo aspectos físicos e culturais, e o termo em português paisagem teria se originado desse vocábulo<sup>12</sup>.

Há uma linha de pensamento em que a paisagem é considerada em seus aspectos estéticos e simbólicos, onde o ver é confundido com o perceber. Conforme H. Bartley<sup>13</sup>, a paisagem contém elementos necessários para estimular dez modalidades sensoriais que se combinam na percepção. São a visão, a audição, o tato, a temperatura, a sinestesia, a dor, o gosto, o olfato, o sentido vestibular e o sentido químico comum. Assim, cada sentido se especializa em abranger uma parte da realidade.

<sup>12</sup> Ver BLEY, 1999.

<sup>13</sup> Ver em RODRIGUES, 2001b.



Nessa concepção, a visão é seletiva e reflete a experiência. Dessa forma, cada pessoa vê uma paisagem diferentemente de outra, dependendo do direcionamento de sua observação, em função de seus interesses. O olfato capta o odor da paisagem, elemento importante que propicia a formação e a memorização da imagem. Os sons também são fundamentais para a evocação de uma paisagem. Através do tato, pode-se sentir as texturas ao se caminhar numa praia, ao se tocar uma falésia, etc. Outro elemento, o sentido vestibular, diz respeito ao equilíbrio, como a sensação de vertigem, por exemplo.

Acrescenta-se a todos esses elementos, que são estimulados num dado momento, a experiência individual construída com base em toda uma história de vida, de pensamentos, sensações e sentimentos, que resulta numa visão de mundo permeada pelo imaginário.

Collot<sup>14</sup> ainda acrescenta que a paisagem se define como um espaço percebido, onde o sujeito não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas os organiza para lhes dar um sentido. A paisagem é, assim também, construída e simbólica.

Milton Santos tem uma outra preocupação epistemológica: diferenciar paisagem e espaço, que são um par dialético. Para isso, afirma que "A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são formas mais a vida que as anima"<sup>15</sup>. O tempo é outra variável que distingue as categorias. Para o geógrafo, a paisagem é criada em momentos históricos diferentes, mas coexistindo no momento atual, enquanto que, "no espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade"<sup>16</sup>.

Entretanto, apesar da diferenciação conceitual, paisagem e espaço possuem uma relação intrínseca, pois a primeira sempre é reflexo da segunda, porque "toda transformação no espaço representa simultaneamente alguma transformação na paisagem, senão em sua fisionomia, certamente sobre seus

---

<sup>14</sup> Ver em BLEY, 1999.

<sup>15</sup> Ver SANTOS, Milton, 1997b.

<sup>16</sup> Idem.



significados"<sup>17</sup>. Para esta autora, as paisagens possuem, pelo menos, três características que subsidiam uma análise espacial: "sua concretude (as paisagens são arranjos de formas naturais e antrópicas); sua fixidez espacial (as formas-conteúdo que dão concretude à paisagem são fixas no espaço) e sua dimensão histórica (as paisagens mudam ao longo do tempo, em função de processos naturais, mas fundamentalmente em função de processos sociais)".

Kevin Lynch, cuja obra está entre as pioneiras em estudos de percepção ambiental, também considera que a paisagem desempenha um papel social. Para o arquiteto, "o ambiente identificado, conhecido de todos, fornece material para lembranças comuns e símbolos comuns, que unem o grupo e permitem a comunicação dentro dele. A paisagem funciona como um sistema vasto de memórias e símbolos para a retenção das idéias e da história do grupo". Desta forma, "a organização simbólica da paisagem pode ajudar a reduzir o medo de estabelecer uma relação emocionalmente segura entre o homem e o meio ambiente (...). Há uma sensação agradável na familiaridade ou certeza de uma paisagem conhecida"<sup>18</sup>.

Assim, a paisagem deve ser considerada levando em conta seus aspectos sociais, históricos, políticos, culturais, etc. Entretanto, a paisagem também pode ser definida a partir da concepção de um espaço subjetivo, sentido e vivido, individualizado, de cada ser humano. Essa é uma concepção atualmente utilizada por arquitetos, psicólogos, sociólogos e, também, geógrafos. A partir dessa linha pode-se analisar a conduta de indivíduos e de comunidades no sentido de trabalhar pela solução de problemas de reestruturação da paisagem cotidiana.

A questão do valor da paisagem é também fundamental para sua compreensão. Esses valores, cujo julgamento é polêmico, podem ser relativos ou absolutos e ter uma hierarquia. A partir dessa premissa, pode-se indagar: uma paisagem considerada bela, um valor relativo, pode ser sacrificada em função do desenvolvimento econômico, um valor absoluto? A questão, difícil de ser respondida, resume-se em como se pode classificar hierarquicamente o que tem mais valor, o desenvolvimento ou uma bela paisagem. Quando esta paisagem é aproveitada como recurso em alguma atividade econômi-

---

<sup>17</sup> Ver CRUZ, 2002.

<sup>18</sup> Ver Imagem da Cidade, KEVIN, Lynch, 1960.



ca, por exemplo, ela passa a ter um outro valor? Assim, freqüentemente se julga, nem sempre apropriadamente, para a tomada de decisões, se a paisagem tem valor utilitário, financeiro, comercial ou somente estético.

Para Lacoste<sup>19</sup>, a paisagem tem um valor de mercado, pois nas adjacências de toda paisagem de beleza já consagrada, há especulação imobiliária. Já as paisagens cujas belezas não são tão consagradas, são manipuladas ou construídas por arquitetos, paisagistas e geógrafos para passarem a ter valor de mercado.

Para o arquiteto Macedo<sup>20</sup>, podem ser arrolados como qualidades definidoras de valor paisagístico de um determinado espaço os seguintes atributos:

- a) excepcionalidade – se o lugar ou um segmento qualquer da paisagem se destaca morfológicamente em relação ao seu meio imediato ou ao conjunto de paisagens;
- b) estética – um atributo totalmente dependente dos padrões culturais da sociedade em um determinado momento histórico;
- c) afetividade – uma comunidade convivendo por longo período com algumas estruturas morfológicas incorpora tais estruturas no seu cotidiano;
- d) simbolismo – um valor atribuído a um lugar, um edifício, onde um evento social cívico ou religioso se efetivou em algum momento da história da comunidade ou marcou uma conquista material.

Outra forma de vínculo com a paisagem, segundo Gold & Burgess<sup>21</sup>, seria a satisfação de nossas necessidades básicas, como os locais que representam o abrigo, proporcionam o prazer, marcaram ou resgatam o passado. Esses autores questionam por que as paisagens belas são preferencialmente preservadas e não são as paisagens que funcionam como pano de fundo da vida cotidiana, cujas mudanças são perturbadoras para a maioria das comunidades que, geralmente, sentem profunda afeição pelos lugares onde vivem.

---

<sup>19</sup> Ver em BLEY, 1999.

<sup>20</sup> Ver MACEDO, 2002.

<sup>21</sup> Ver em BLEY, 1999.



A preferência por determinadas paisagens em detrimento de outras pode, muitas vezes, estar atendendo somente a um público seletivo, como os turistas, e estar comprometendo o vínculo afetivo, cultural e histórico que as comunidades têm com determinados lugares e paisagens. Nesse sentido, planejadores e poder público não podem, sozinhos, decidir sobre a valorização das paisagens sem envolver efetivamente as populações nas questões ambientais.

Assim, para uma melhor avaliação e intervenção em uma paisagem, é preciso detectar como esta está sendo percebida pelos vários sujeitos a ela relacionados, direta ou indiretamente, através da identificação de quais elementos estão sendo valorizados (valor estético, valor utilitário, valor da paisagem vivida, valor de mercado etc).

Atualmente, o valor estético, ditado por padrões culturais, tem tornado a paisagem um dos motores fundamentais da atividade turística.

Sendo a porção visível do espaço, a paisagem se constitui como um dos mais importantes elementos da atratividade dos lugares. Conforme Yáziği<sup>22</sup>, "A paisagem é constantemente refeita de acordo com os padrões locais de produção, da sociedade, da cultura, com os fatores geográficos e tem importante papel no direcionamento turístico".

Por ser um ente cultural, a paisagem é portadora de signos, do imaginário presente no espaço<sup>23</sup>. Dessa forma, as paisagens destacadas, criadas, manipuladas ou copiadas são tentativas de se reproduzir os signos que povoam o imaginário de turistas.

A mídia corrobora para a valorização de determinadas paisagens. As naturais, por exemplo, destacam-se atualmente. Para Luchiari, a valorização deste tipo de paisagem representa "o mundo exterior que queremos preservado para não colocar em evidência o que fizemos com nossas cidades, com os nossos meios ambientes, com as nossas paisagens"<sup>24</sup>.

Castro ressalta, todavia, que a paisagem evoca um conteúdo simbólico coletivo que motiva decisões individuais na atividade turística. Isso quer dizer que, embora haja uma proliferação de paisagens produzidas pela publi-

---

<sup>22</sup> Ver em CRUZ, 2002.

<sup>23</sup> Conforme Rita de Cássia Cruz, em CRUZ, 2002.

<sup>24</sup> Ver em CRUZ, 2002.



cidade, o seu efeito sobre decisões individuais se dá também em função do que essas imagens provocam em quem as recebe. Conforme essa autora, fundamentando-se na Geografia humanística, "pesquisas têm procurado demonstrar que existe uma estética da paisagem socialmente estabelecida, na qual reside sua potencialidade de despertar imagens e lembranças adormecidas no imaginário social (...)"<sup>25</sup>.

Dessa forma, a importância da paisagem como imagem atrativa para o turismo vai muito além da lógica de uma mercantilização eficiente, mas obedece também à lógica das manifestações da cultura e do imaginário social. Assim, "algumas escolhas (realizadas por turistas) não são devidas sempre ao argumento econômico, mas à existência de postulados cujo imaginário facilita a aceitação *a priori*"<sup>26</sup>. Pode-se aferir, então, que a paisagem é um recurso para o turismo porque ela é um bem social. Assim, não existe uma paisagem turística, mas uma paisagem socialmente valorizada.

Uma reflexão fundamental deve ser feita: o turismo, principalmente no Brasil, deteriora o que mais é valorizado para seu fomento: a paisagem. Sabiamente conduzido, o turismo deveria ser uma das atividades econômicas cujas formas de exploração menos degradassem o ambiente.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito a quem se destina a valorização da paisagem. Não pode haver turismo sadio sem que, antes de tudo, haja uma preocupação com a dignidade do cotidiano das pessoas que habitam o lugar.

## LUGAR

As idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. Não há limites precisos entre espaço, paisagem e lugar: lugares e espaços contêm paisagens, paisagens e espaços contêm lugares.

A noção de lugar pressupõe a percepção do mundo pelo homem, pois é através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói o espaço e o mundo e deles se apropria. Assim, o lugar é a porção do espaço apropriável para a

---

<sup>25</sup> Ver CASTRO, 2002.

<sup>26</sup> Idem.



vida de seus moradores – é o bairro, a rua, a praça – vivido, conhecido e reconhecido em todos os cantos.

Para Rodrigues, "O lugar, como categoria filosófica, não trata de uma construção objetiva, mas de algo que só existe do ponto de vista do sujeito que o experencia. (...) O espaço pode transformar-se em lugar, à medida que adquire personalidade, torna-se vivido. A percepção e o intelecto, por meio da experiência vivida e compartilhada, constroem o lugar na subjetividade e na intersubjetividade"<sup>27</sup>.

Dessa forma, o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. Conforme Cruz, "O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade (...)"<sup>28</sup>.

Para a autora, a produção espacial realiza-se, então, no plano cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico. Disso decorre que "cada sociedade produz seu espaço, determina seus ritmos de vida, formas de apropriação expressando sua função social, projetos, desejos"<sup>29</sup>.

Milton Santos enfatiza a importância da análise do lugar como forma de se compreender o mundo e o indivíduo. Afirma que "Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. (...) Mas, também, cada lugar (...) torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade"<sup>30</sup>.

O geógrafo Yi-Fu Tuan<sup>31</sup> utiliza o termo topofilia para designar o amor humano ao lugar, ou seja, todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

<sup>27</sup> Ver RODRIGUES, 2001.

<sup>28</sup> Ver CARLOS, 1996.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Ver SANTOS, 1997b.

<sup>31</sup> Ver TUAN, 1980.



Para o autor, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Entretanto, Tuan considera que a verdadeira topofilia se exercita em dimensões espaciais reduzidas e homogêneas, pois é mais fácil as pessoas se identificarem e se afeiçoarem a elas.

Dessa forma, a rua aparece como elemento importante de análise, pois é a dimensão concreta da espacialidade que melhor traduz e desperta o sentido de lugar, de onde se pode apreender os gestos, os olhares, o imprevisto, o espontâneo, o cotidiano.

A rua está no nível do vivido, onde se encontram a vida e fragmentos de vida. Nela se tornam claras as formas de apropriação do lugar e da cidade, onde afloram as contradições que permeiam a vida cotidiana.

Um aspecto importante a ser considerado diz respeito ao sentido de lugar que os novos moradores incorporam em suas vidas, de forma diferenciada dos nativos de uma localidade. Estes últimos estão submetidos "a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava: uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar"<sup>32</sup>. Para o migrante, o novo morador, não há passado no novo lugar. A nova residência obriga a novas experiências e sua afeição ao lugar e seu discurso são menos contaminados pelo passado e pela rotina. Dessa forma, os nativos olham muito para o passado, enquanto os novos moradores olham para o futuro, que comanda as ações do presente.

Outro aspecto bastante discutido por vários autores refere-se à ação do turismo na fragmentação do lugar ou, para alguns, na construção de não-lugares<sup>33</sup>. Para Carlos, que considera o lugar como produto do estabelecimento de uma identidade que se dá por meio de formas de apropriação para a vida pela comunidade, muitas vezes, o espaço produzido pelo turismo é sem história, sem identidade, é não-lugar.

---

<sup>32</sup> Ver SANTOS, 1997b.

<sup>33</sup> Os autores que trabalham com essa categoria esclarecem que o não-lugar, cujo termo foi preconizado por Marc Augé, não é a simples negação do lugar, mas a construção de outra coisa, produto de outras relações. Ver CARLOS, 1996b.





Para essa autora, a indústria do turismo produz comportamentos e modos de apropriação que distanciam os visitantes dos verdadeiros lugares, fazendo-os ignorar a identidade, a história, a cultura, o modo de vida da comunidade local. Dessa forma, fragmenta os lugares, exclui o feio e só mostra o que interessa.

### ESTUDO DE CASO: CANOA QUEBRADA

Canoa Quebrada, núcleo praiano do município de Aracati, a nordeste do Ceará, dista 13 km da sede municipal e 179 Km de Fortaleza, capital do Estado. Seu acesso se dá através da CE-040 e por estrada ligada à BR-304. Assenta-se sobre uma superfície plana entremeada por dunas e falésias, componentes geoambientais típicos deste trecho do litoral cearense.

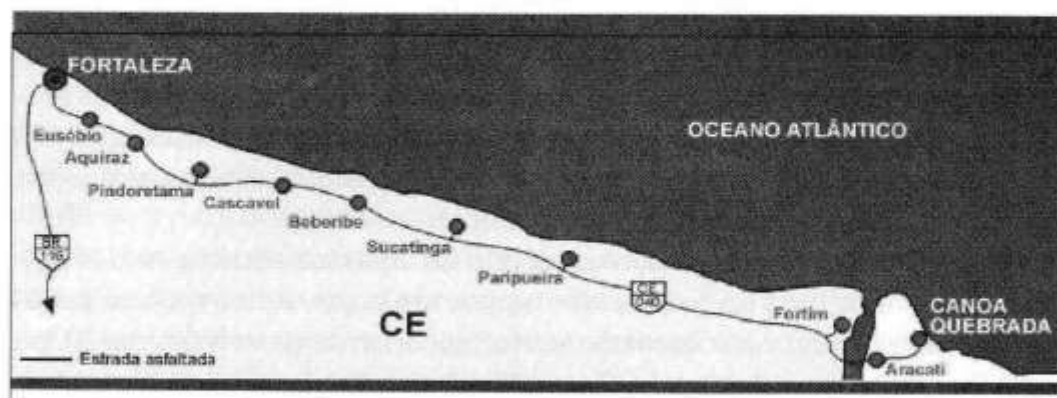


Figura 01 – Acesso Esquemático Fortaleza / Canoa Quebrada – Litoral Leste Estado do Ceará. Fonte: [site:www.santuarios.com.br](http://site:www.santuarios.com.br).

Até o final dos anos 70, tinha como atividades econômicas principais a pesca artesanal e a produção da renda labirinto. Sempre manteve uma dependência da sede municipal, visto que toda a produção do artesanato e o excedente da produção da pesca eram escoados para a cidade. Outros elementos de consumo necessários à sobrevivência da comunidade eram adquiridos somente na cidade.



**Figura 02** - Vista geral do núcleo de Canoa Quebrada. Fonte: *site* www.aracati.com.br.

Em meados dos anos 70, a comunidade foi “descoberta” por outros grupos sociais<sup>34</sup>. Eram jovens remanescentes do movimento de contestação pós anos 60, iniciado na juventude americana e europeia, que se expandiu por todo o mundo, o chamado movimento *hippie*.

Canoa Quebrada, então, para estes grupos, aparece como uma das últimas tentativas de uma sociedade alternativa, um lugar rústico onde se negavam os valores de uma sociedade tecnologicamente desenvolvida. Nessa busca de um espaço idealizado, Canoa Quebrada foi descoberta e transformada num sonhado “paraíso”.

A comparação a um paraíso se devia ao isolamento do local, à riqueza natural, a beleza paisagística da área e à forma simples de organização social da comunidade. A hospedagem era gratuita e se dava no próprio espaço familiar.

Tais fatores corroboraram uma crescente valorização do espaço de Canoa Quebrada para os visitantes e, conseqüentemente, para os que ali nasceram.

<sup>34</sup> A maioria dos canoenses confirma que foi um grupo paulista o primeiro a chegar a Canoa, em meados dos anos 70, provavelmente em razão de algumas informações em revistas especializadas na época. Ver CIRINO, 1990.



A valorização do espaço trouxe outro tipo de valorização: a condição de ser nativo. Os que nasceram em Canoa passaram a ter orgulho de ter nascido em um "paraíso", ressurgindo, assim, uma nova identidade com o lugar. Tal identidade foi incorporada no cotidiano da comunidade, que passou a utilizá-la como instrumento de diferenciação entre os moradores do povoado: passaram a existir o nativo e o não-nativo, o nativo e o gringo, o nativo e o paulista, com níveis diferenciados de tratamento.

O contato inicial destes visitantes no cotidiano dos nativos de Canoa Quebrada não tinha um caráter de dominação, no sentido de moldar sua cultura, impor hábitos e valores. Entretanto, mesmo sem intenção, a mudança nos costumes da comunidade era gradual e se intensificava com o contato permanente.

A partir do início dos anos 80, houve um aumento significativo no fluxo de pessoas Canoa Quebrada, que passava a exigir uma nova estrutura, apesar de rústica, para acomodá-las, refletindo uma nova fase que o núcleo estava para vivenciar.

Dessa forma, a comunidade passou a crescer desordenadamente, com a construção de quartos e dormitórios. As relações entre nativos e visitantes também se transformavam, passavam a ser mercantilistas. A hospedagem saía da casa para dormitórios isolados, com preços de diárias diferenciados. Crescia também o número de turistas que se fixavam em caráter permanente na área, exercendo atividades comerciais.

Em função da maior lucratividade e menor esforço físico, grande parte da força do trabalho foi transferida do setor pesqueiro para os setores ligados à nova atividade: o turismo. Quanto à produção do labirinto, a confecção de grandes peças tornou-se inviável, em decorrência do tempo exigido na sua produção.

Dessa forma, de uma tradicional vila de pescadores, Canoa Quebrada passou a ocupar o segundo maior destino turístico do estado do Ceará. O processo de mudança ocorrido se deu num intervalo de tempo demasiadamente curto, conseguindo atingir todas as dimensões do seu universo cultural e socioambiental.

A população duplicou nos últimos dez anos (Tabela 01), mostrando que o núcleo vem recebendo fluxos migratórios intensos, seja do Estado, como de fora do Estado, e mesmo do exterior. O número de domicílios, no mesmo período, quase triplicou.



**TABELA 01:** Evolução da população residente em Canoa Quebrada\*

<b>População e Domicílios</b>	<b>1991 (1)</b>	<b>1996 (1)</b>	<b>2000 (2)</b>
População	955	1.586	1.939
Domicílios	187	403	502
Crescimento Médio Anual (% por ano)	-	10,68%	5,15%

FONTE: (1) IBGE; (2) SECRETARIA DA SAÚDE DE ARACATI 2001 / PROJETO CANOA, 2002.

\* Incluindo uma pequena comunidade próxima (Estêvão)

O crescimento da população e de domicílios, as novas atividades e características das funções urbanas definiram novas relações espaciais, econômicas, sociais e ambientais, culminando numa expansão desordenada e degradadora do ambiente.

Desde o mar, subindo as falésias, até a duna "Pôr-do-Sol", as ocupações reproduziram modelos típicos da cidade, com lotes estreitos, ocupações geminadas e alto adensamento.

O diferenciado perfil dos ocupantes e do custo da terra, assim como a forma de apropriação da paisagem delinearão três tipos básicos de ocupação, resultando em três áreas distintas, com certo grau de homogeneidade interna. O desenho urbano existente revela, através do sistema viário composto por poucas vias longitudinais, várias transversais e becos, certa articulação entre as áreas do núcleo, não garantindo, entretanto, que o núcleo seja um todo integrado.

A primeira área, compreendida entre a rua principal e o mar, área mais íngreme e privilegiada quanto à vista para o mar e acessibilidade à praia, foi ocupada, em sua maior parte, por não-nativos que se instalaram em Canoa para dedicar-se a negócios voltados ao turismo. É a área mais movimentada do núcleo, em função da chegada e saída diária de ônibus turísticos e da grande quantidade de restaurantes, bares e casas de forró localizadas na rua principal, a chamada "Broadway", que serve de estacionamento, de dia, e de calçada para pedestres, à noite.

A faixa de praia é ocupada por barracas de alimentação, algumas de grande porte, com padrões arquitetônicos incompatíveis com a paisagem, algumas incrustadas nas falésias, sem infra-estrutura, contribuindo para poluir e degradar o ambiente, além de impedir o acesso ou trânsito de pessoas.





**Figuras 03 e 04** Barracas na área de intermarés, na encosta das falésias. Bloqueio da praia e da paisagem.

Uma segunda área, da rua principal em direção à duna "Pôr-do-Sol" é constituída basicamente por habitações simples pertencentes, em grande parte, a nativos de Canoa Quebrada. Trecho desta área pode ser considerado a periferia<sup>35</sup> de Canoa Quebrada, tendo em vista a precariedade da configuração espacial e a deficiência na oferta de serviços públicos.

A configuração desta área, na parte mais baixa, remete para o que se pode imaginar o que foi Canoa Quebrada há 20 anos, antes da chegada do turismo. As crianças ainda brincam e os adultos colocam suas cadeiras nas ruas, criam-se animais, quase não circulam veículos. Ainda é possível encontrar mulheres e meninas confeccionando labirinto nas varandas das casas.

Na terceira área considerada, conhecida entre os moradores como "área nobre" localizada à esquerda da estrada de acesso ao núcleo, o processo de ocupação tem se intensificado nos últimos cinco anos, predominando residências de veraneio e pousadas.

<sup>35</sup> Geralmente, o termo periferia explicita áreas localizadas fora das imediações de algum centro dentro delas. Entretanto, o termo absorveu uma conotação sociológica, redefinindo-se. Dessa forma, "periferia" pode significar também aquelas áreas com infra-estrutura e equipamentos de serviços deficientes, configuração espacial precária, sendo essencialmente o *locus* da reprodução socioespacial da população de baixa renda (SERPA, 2002).

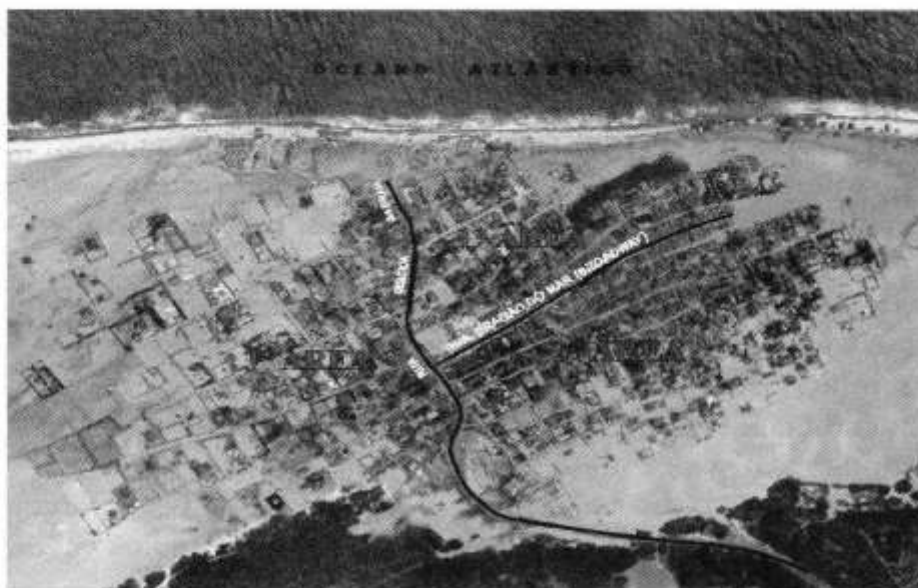




**Figura 05** – Garota fazendo labirinto numa varanda (Foto: Projeto Canoa, 2002).

Em todas as áreas sumariamente descritas, são verificados, com maior ou menor intensidade, os mesmos problemas de caráter ambiental: ocupação indiscriminada em área de fragilidade ambiental, sem considerar padrões básicos de conforto e segurança, dentro e fora do lote; alto adensamento habitacional, com conseqüente impermeabilização do solo; produção de efluentes líquidos e sólidos sem o devido tratamento, que infiltram e contaminam o lençol freático; desmonte de falésias; terraplanagem de dunas; deficiência de circulação e acessibilidade, conflito de tráfego, além da ausência de espaços públicos de lazer. Considerando-se que a população de Canoa Quebrada é essencialmente jovem, a ausência desses espaços, além de furtar a oportunidade do encontro e do lazer gratuito, lança esses jovens em situações sociais de risco, como a prostituição e o consumo e tráfico de drogas.





**Figura 06** – Foto Aérea de Canoa Quebrada com as três áreas de análise consideradas. Fonte: Projeto Canoa - Prefeitura Municipal de Aracati/ Guimarães Arquitetura e Urbanismo, março de 2002.

### **A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO DE CANOA QUEBRADA**

Muitas são as abordagens que podem auxiliar na compreensão e mapeamento do espaço e do lugar. Considerou-se fundamental, como recurso metodológico dessa pesquisa, apreender a percepção dos agentes produtores do espaço, suas expectativas, julgamentos e condutas. Foi fundamentalmente necessário coletar e interpretar dados experimentais de forma a acessar estados de espírito, pensamentos e sentimentos que tinham influência na lógica da produção e reprodução do espaço.

Apesar da aparente subjetividade, acreditou-se que este tipo de abordagem – a análise da experiência vivida – podia trazer elementos humanos de uma realidade que facilitassem a compreensão sobre as ações exercidas sobre o meio.

A pesquisa centrou-se na tentativa de explicar como um mero espaço pode tornar-se um lugar intensamente humano ou não representar nada, e qual seria o papel da emoção e do pensamento na ligação das pessoas com o lugar.



Yi-Fu Tuan foi um dos precursores no estudo da experiência humana ao analisar como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar.

O autor questiona “de que maneira as pessoas atribuem significado e organizam o espaço e o lugar”<sup>36</sup>. Não desconsiderando a importância da cultura na influência, no comportamento e nos valores humanos, que os acentuam ou os distorcem, Tuan enfatiza três aspectos na tentativa de responder a tais questões:

- 1) os fatores biológicos – referem-se a como as posturas corporais, divisões e valores são extrapolados para o espaço circundante;
- 2) as relações de espaço e lugar – “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos e o dotamos de valor”;
- 3) a amplitude da experiência ou conhecimento – “a experiência pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada de símbolos”.

Sob a perspectiva deste último aspecto, a experiência, pouco explorada em pesquisas afins, Tuan desenvolve toda a sua análise sobre o espaço e o lugar.

Para esse autor, a “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual e a maneira indireta de simbolização”. Para ilustrar, Tuan montou o seguinte esquema:

---

<sup>36</sup> Ver TUAN, 1983.





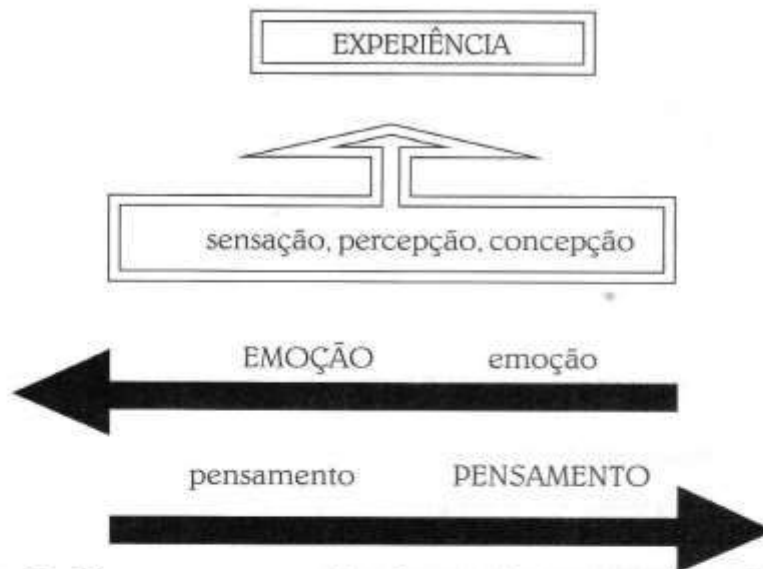


Figura 07 – Esquema representativo de experiência montado por TUAN (1983).

A experiência parte da sensação inicial, passa pela percepção e culmina na concepção, tendo a emoção como permeadora em todo esse processo de construção de uma experiência que alia sentimento e pensamento.

Del Rio também afirma que “a importância dos estudos comportamentais (...) se destacam quanto à aplicação de suas metodologias de investigação em campo. Eles tentam compreender as inter-relações do homem com os ambientes e as paisagens, admitindo que também esses ambientes e paisagens podem influenciar comportamentos específicos, individuais e de grupo, inconscientes ou conscientes”<sup>37</sup>.

Mediante tais premissas, a relação homem/natureza em Canoa Quebrada foi observada a partir de duas maneiras distintas: de um lado, foi considerado o relacionamento direto, cotidiano e prolongado de pessoas que moram e trabalham em Canoa Quebrada; de outro, foi considerado o relacionamento esporádico que inúmeras pessoas possuem com esse núcleo.

<sup>37</sup> Ver DEL RIO, 1986.



Esses grupos variados de pessoas, que se subdividem, nem sempre têm os mesmos interesses, os mesmos valores ou as mesmas necessidades, uma vez que cada um deles busca objetivos específicos em relação a Canoa Quebrada: de moradia, de trabalho, de lazer, de negócios ou decisões a serem tomadas. Considerou-se que cada grupo categorizado representa um agente produtor e reproduzidor do espaço de Canoa Quebrada.

Classificaram-se, então três grupos de agentes: 1. Usuários ou Consumidores do espaço (moradores nativos, moradores não-nativos e turistas); 2. os proprietários fundiários e incorporadores; e 3. o Estado.

### **USUÁRIOS OU CONSUMIDORES DO ESPAÇO: MORADORES NATIVOS**

Os primeiros a conhecerem o espaço de Canoa Quebrada e a dele se apropriar foram as primeiras famílias de nativos, que perpetuaram seus descendentes ao longo de três ou quatro gerações. A condição de ser nativo é ainda bastante forte e razão de distinção entre os moradores.

A ação destes agentes foi, no início, de ocupação rarefeita, fundamentada num modo de vida de subsistência, sem grandes perspectivas de crescimento familiar e domiciliar.

Apesar do total desconhecimento de qualquer tipo de ordenamento urbanístico, o tipo de produção espacial desses agentes no início, foi, em geral, de harmonia com o ambiente natural, visto que as primeiras residências construídas pelos nativos ficavam em superfícies planas, distantes das falésias e das áreas íngremes das dunas.

A partir do início da década de 80, os moradores nativos começaram a disponibilizar suas casas para temporadas e, mais tarde, a construir mais casas e dormitórios para abrigar maiores fluxos de turistas, alterando suas relações sociais e espaciais. Com o crescimento das atividades turísticas, a terra passou a ter valor de troca, inclusive suas próprias residências, e todo o território começou a ser cercado e apropriado para ocupação ou comercialização.

A ausência de um ordenamento urbanístico e fiscalização, bem como a busca de maior aproveitamento do espaço para aumentar o valor de troca refletem na forma com que os nativos construíram e ainda constroem suas residências e seus pequenos negócios. Os lotes não respeitam nenhum ali-



nhamento, nem as construções possuem afastamentos mínimos em relação aos limites dos lotes. O que importava era demarcar o solo e vender, independentemente das condições ambientais, adequadas ou impróprias.

Como quase não há mais espaço livre para construção nas áreas mais adensadas, as ampliações até hoje acontecem à revelia de qualquer norma ou padrão urbanístico, desconsiderando-se o que é espaço público e, o que é mais peculiar, utilizando-se do espaço da vizinhança para resolver problemas de acesso.

Outra consequência dessa indisciplina urbana refere-se à dificuldade de circulação ou mesmo impossibilidade de se acessar facilmente determinadas áreas do núcleo, que se configuram como pequenos "labirintos". Segundo depoimento de uma moradora gaúcha, residente em Canoas Quebrada há 12 anos, quando ela chegou para comprar um terreno para construir sua casa, teve que comprar também, de um nativo, dois metros à frente do terreno para garantir um trecho de rua para o acesso de seu *buggie* ao lote, pois, caso contrário, o terreno da frente seria vendido sem que nenhum espaço para circulação fosse reservado. Por outro lado, essa moradora admite que essa ambição em vender maior quantidade de terra possível por parte dos nativos era compreensível, em função da situação miserável em que viviam:

"Essa venda de terrenos, se por um lado não foi bom, por outro foi bom porque foi o que possibilitou que essa comunidade encontrasse um modo de viver hoje sem a mendicância" (Neíta Vieira Braul, 52 anos, gaúcha. Entrevista concedida em 5 de dezembro de 2002).

A chegada do turismo também trouxe para a comunidade nativa, além da renda proveniente da venda de terrenos, a possibilidade de trabalho em pousadas ou bares, construídos, em sua grande maioria, por estrangeiros. A segurança de um emprego e de uma renda fixa ao final do mês é muito valorizada pelos nativos:

"Depois que apareceram esses turistas, melhorou muito. Taí, essa padaria aí é de um gringo,



quer dizer, já tem quatro pessoas empregadas. Acolá, já tem um bar, tem três empregados. E tudo ajuda o povo do lugar. Antigamente não tinha isso. Antes era só pesca e labirinto. A renda não era boa como hoje. (...) Se não fosse o turismo, tinha muita gente pobre aqui (...) Muitos foram embora antes do turismo porque não tinham como viver (...) Depois que chegou o turismo, eles voltaram” (Sr. Fernando dos Santos, 58 anos, nativo, pescador aposentado. Entrevista concedida em 15 de agosto de 2002).

“Só não trabalha aqui quem não quer. (...) Os gringos dão muito emprego em Canoa. Eles são muito chatos, mas são muito certos. Difícil ter um gringo que gosta de não pagar” (D. Neurides Pereira dos Santos, 53 anos, nativa, costureira. Entrevista concedida em 15 de agosto de 2002).

Quando questionada outra nativa sobre o que Canoa Quebrada tem de melhor, esta respondeu:

“Trabalho e emprego. (...) O que gera renda e emprego é desses (não-nativos) que ficaram aqui e construíram pousada, restaurante, deram emprego. (...) Pagam direitinho...” (Valdênia Barqueiro dos Santos, 37 anos, nativa, labirinteira. Entrevista concedida em 5 de dezembro de 2002).

A pesquisa evidenciou que não há conflito entre grande parte da população nativa e os moradores de fora e turistas. Esta harmonia parece existir em razão de a população nativa não perceber que quase não há mais espaço para ela em Canoa Quebrada. A predominância de pousadas e do comércio e serviços em geral é de pessoas que vieram de fora. Restaram à população nativa o subemprego e algumas atividades voltadas ao turismo, como a venda de passeios de bugre, pequenas barracas na praia etc.



O espaço físico apropriado por essa parcela da população restringe-se à área original do povoado, em ruas paralelas à rua principal, próximas à igreja, com dificuldades de expansão em função do alto adensamento de construções provocado por eles mesmos, com a venda desenfreada de terrenos, nas duas últimas décadas. Entretanto, problemas urbanos hoje enfrentados, como alagamentos, dificuldade de acessibilidade, desconforto nas residências quanto à ventilação, violência, etc. não são reconhecidos como conseqüências de todo o processo desencadeado também por eles e, muitas vezes, não são nem admitidos, visto que muitos dos nativos afirmam que em Canoa Quebrada não há problemas:

"Canoa é um lugar muito tranquilo. Não tem desarmonia de nada." (Sr. Fernando Freire dos Santos, nativo, 58 anos, pescador aposentado).

"Eu não tenho o que falar mal de Canoa Quebrada." (D. Maria Júlia, 83 anos, nativa, labirinteira).

Algumas divergências, quando surgem, relacionam-se com a forte atuação social que algumas pessoas de fora assumiram quando chegaram a Canoa Quebrada. Muitos nativos não se conformam, por exemplo, quanto ao Conselho Comunitário ser composto basicamente por não-nativos. Entretanto, os próprios nativos mostram-se inertes quanto às questões da comunidade. Muitos preferem não se envolver, acomodados e desacreditados quanto à solução dos problemas, mas sentem-se, às vezes, invadidos, quando os de fora tomam iniciativa. Uma moradora paulista de Canoa Quebrada reforça essa impressão:

"(O principal problema de Canoa) É a falta de atuação. É a falta de envolvimento das pessoas. Eu acho que a maior parte das pessoas é comodista. É mais cômodo não se envolver e poder criticar (...) Eles (os nativos) têm essa visão de invasão (dos forasteiros) quando lhes é conveniente". (Heloísa Helena Medeiros, paulista, 44 anos).



Outro moradora mineira, bastante atuante em Canoa Quebrada, também percebe alguma resistência com a presença de pessoas de fora nesses casos:

"O povo nativo é muito pacífico. Isso, por um lado é negativo quando você tenta fazer alguma mobilização. (...) Os nativos bem mais velhos, tem um grupo bem forte, que, no momento que o povo de fora vem trazendo um benefício, é ótimo. Mas, no momento em que os de fora vêm reivindicar alguma coisa, 'Opa, isso aqui é nosso!'. Há uma desconfiança muito grande. Sempre pensam: 'O que ela quer ganhar com isso?' Isso está no conteúdo da cultura". (Andrezza Santos, mineira, psicóloga, moradora de Canoa Quebrada há 16 anos).

Na realidade, a passividade constatada dos nativos resulta da ausência de uma consciência crítica quanto à sua realidade. Não se quer dizer que os nativos não tenham uma rica experiência com o lugar em que vivem, mas, na verdade, eles somente o sentem, o percebem, não pensam sobre ele. Segundo Yi Fu-TUAN, "Os nativos se sentem à vontade, mergulhados na ambiência de seu lugar; mas no momento em que pensam sobre o lugar, ele se torna um objeto do pensamento 'lá fora'"<sup>38</sup>.

As pessoas tendem a eliminar aquilo que não podem expressar. Dessa forma, "As avaliações e os julgamentos tendem a ser chavões. As intimidades efêmeras através da experiência direta e a verdadeira qualidade de um lugar comumente passam despercebidas porque a cabeça está cheia de idéias desgastadas (...) A experiência pessoal cede às opiniões socialmente aceitas (...) "<sup>39</sup>.

Sob este aspecto, cabe uma reflexão quanto ao que revelaram as respostas da comunidade nativa sobre Canoa Quebrada ("é muito tranquilo", "não tem o que falar mal", "a paisagem está a mesma coisa", "todo mundo aqui

---

<sup>38</sup> Ver TUAN, 1983.

<sup>39</sup> Idem.



adora a presença dos turistas", etc) , se são realmente sensações que passam em seu íntimo, ou se são influenciadas por necessidades ou estereótipos que alteram a maneira de ela perceber o espaço.

É notória a rápida transformação e degradação ambiental por que passou e passa ainda hoje Canoa Quebrada. Matérias de jornal e depoimentos de pousadeiros confirmam a insegurança existente no núcleo, resultante da presença de turistas e de donos de pousadas endinheirados, que atraem muitos assaltos. Algumas grades e cercas elétricas em muros de casas e pousadas são símbolos que demonstram que, de alguma forma, há medo e insegurança.

Os terrenos são caros, principalmente na rua principal, conservando-se a elitização dessa área, mais acessível aos interessados, geralmente de fora, em investir em negócios ligados ao turismo, como bares e restaurantes.

Mesmo assim, diante de tantas implicações negativas relacionadas às atividades turísticas, os nativos não as percebem como conseqüências prejudiciais à sua vida, ou, quando as percebem, valorizam muito mais o aumento da renda de suas famílias e a infra-estrutura advinda pela atividade como estrada, energia e água.

Desse modo, os moradores nativos não possuem uma percepção que lhes possibilite selecionar alternativas de ação, interferir sobre os destinos ambientais de Canoa Quebrada.

Apesar da ausência dessa percepção crítica, o saudosismo é um componente forte entre os nativos, o que demonstra que mesmo não tendo tanta consciência sobre a realidade, o passado é considerado melhor em muitos aspectos, principalmente no que se refere à paisagem, à antiga solidariedade que existia na comunidade e à paz que imperava:

"Não sei se é porque eu já nasci aqui, mas eu nunca vejo Canoa Quebrada como está hoje, crescida, evoluída, mas, sempre na minha mente eu vejo Canoa Quebrada como sempre foi, antes, boa, só a paisagem. Ficou muito marcado na infância da gente. Até em sonho, eu sonho com Canoa Quebrada antiga, com as casas antigas, as ruas antigas..." (Valdênia Barqueiro dos Santos, labirinteira, 37 anos).



"Pela paz, união que havia, antes era melhor. A ambição mudou as pessoas. Há pouca solidariedade. Esse pessoal novo não tem mais vínculo com a família. Antigamente, você dizia assim: 'Fulano de tal está doente'. Na mesma hora um chegava com um chá, outro chegava com outra coisa... Hoje em dia, você precisa juntar uma equipe para pedir ajuda quando está necessitado, precisando de um remédio e não tem condições". (Valdênia Barqueiro dos Santos, labirinteira, 37 anos).

Esses depoimentos reforçam o que Yi-Fu TUAN considera sobre a forte relação tempo e lugar: "Quando um povo deliberadamente muda seu ambiente e sente que controla o seu destino, tem pouco motivo para sentir saudade (...) Quando, por outro lado, um povo percebe que as mudanças estão ocorrendo muito rapidamente, rodando sem controle, a saudade de um passado idílico aumenta sensivelmente."

Quanto a esse aspecto, ainda complementa: "O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade (...) Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível".

Essas considerações sugerem que grande parte dos nativos de Canoa Quebrada, atualmente, apesar das vantagens geradas pelo turismo, buscam resgatar a identidade perdida com o lugar. A paisagem é um dos elementos mais ressaltados como identitários do lugar. Sua percepção entre os nativos é altamente positiva. Não houve registros de experiências repulsivas, negativas ou desagradáveis. Entretanto, ela é altamente seletiva, pois foi identificada com grande vigor pela imponência de suas falésias e do mar, que conferem "personalidade" a Canoa Quebrada.

O valor afetivo a Canoa Quebrada talvez tenha sido o componente mais forte encontrado na percepção dos nativos. Além dos benefícios trazidos pelo turismo, também foi identificada uma forte ligação afetiva com o lugar, visto que todos os entrevistados encontram-se satisfeitos por ali residirem. Indagados sobre a razão de gostar de Canoa Quebrada e de ali continuar morando, as respostas denotam algum sentimento de pertença:





"Eu gosto muito de meu lugar. Nasci aqui, me criei aqui. Daqui eu só saio pro cemitério". (Sr. Fernando Freire dos Santos, pescador aposentado, 58 anos).

"Porque eu gosto do meu ambiente. Nasci aqui, me criei aqui, trabalho aqui, convivo aqui, me casei aqui, minha família toda é daqui, meus pais eram daqui, aí eu gosto do meu lugar". (D. Araci Santos de Oliveira, labirinteira, 72 anos).

De forma geral, a pesquisa permitiu apreender que, para os nativos, Canoa Quebrada é um lugar especial, centro de significados, "bom de morar". Os problemas ambientais locais não são considerados, nem tampouco tomada para si a responsabilidade de suas causas. Desincumbe-se o indivíduo de sua parcela de participação nos destinos ou nas características ambientais do seu lugar. Dessa forma, a sintonia criada entre comunidade e paisagem converte Canoa Quebrada em um lugar especial, que corresponde aos seus desejos, aspirações, anseios e necessidades. Isso talvez explique porque a população de Canoa Quebrada, apesar de tantos problemas identificados, é tão risonha, sossegada e amável.

### **MORADORES NÃO-NATIVOS**

A presença do segundo grupo de agentes, os moradores não-nativos, desencadeou o processo de valorização do espaço que culminou nas alterações das relações sociais e organização espacial existentes, enfatizando o valor de troca do solo. A maior parte dessas pessoas, que visitaram Canoa Quebrada e resolveram ficar, principalmente estrangeiros, pretendiam implantar algum tipo de negócio voltado ao turismo.

Com mais condições financeiras que os nativos, construíram pousadas e restaurantes de maior porte, em localizações mais privilegiadas, próximas ao mar, descaracterizando o espaço original, oferecendo serviços de hospedagem e de alimentação mais incrementados, desbancando os dormitórios e casas de alimentação simples dos nativos.



Assim como aos nativos, a sua forma de ocupação também não obedecia a nenhuma regulação urbanística e, muito menos, ambiental. Algumas pousadas e barracas foram implantadas, ou no sopé, ou em encostas bastante íngremes das falésias, desmontando-as e eliminando-as, refletindo um tipo de produção espacial destrutivo.

Também como os nativos, com suas residências, em função da inexistência de mais espaços para implantação de bares e restaurantes na rua principal e de qualquer fiscalização, os proprietários invadem espaços públicos e vizinhos, mediante a construção de sacadas, escadas e jardineiras para o lado da rua, mesmo que isso quase acarrete seu fechamento.

Apesar da semelhança da produção espacial quanto à forma de apropriação, o que difere basicamente os nativos destes agentes são seus objetivos. Enquanto os primeiros buscam ampliar suas moradias e requalificar seu espaço vivido, os últimos ambicionam incrementar o valor de troca de suas propriedades e ampliar seus lucros.

Por outro lado, a pesquisa também identificou moradores não-nativos brasileiros que foram movidos por outras expectativas, ao optar por viver em Canoa Quebrada. Constatou-se, com todos esses entrevistados, uma imensa insatisfação com a vida de que desfrutavam em seus lugares de origem, muitos deles em grandes cidades como Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre, buscando melhor qualidade de vida, como demonstram os depoimentos:

"Poucas são as pessoas que podem se dar o luxo de escolher um lugar para morar. Estava buscando uma outra alternativa de vida. Minha origem é rural, minha família é do interior. E olha que Belo Horizonte é uma cidade super 10 para você viver. Mas o estilo de vida de cidade já estava saturado. Queria continuar trabalhando, mas vivendo mais tranquila". (Andrezza Palatino Santos, mineira, moradora de Canoa Quebrada há 16 anos, psicóloga).

"Tem dois tipos de pessoas (referindo-se a quem opta por viver em Canoa. Um dos tipos mencio-



nados refere-se aos estrangeiros, que vêm, segundo ela, 'capitalizar'). Tem aquelas pessoas (o segundo tipo) que vêm como eu, que vêm em busca de uma coisa diferente, de uma qualidade de vida. (...) O clima me encantou e essa coisa desse 'paraisão' que era, esse não-compromisso com a realidade, essa rusticidade, a felicidade do povo. Tinha um clima diferente...". (Neíta Braul, gaúcha, moradora de Canoa Quebrada há 12 anos, terapeuta ocupacional).

"Primeiramente eu vim a turismo (...) Era autônoma, separada, sem filhos. Não tinha vínculo empregatício. (...) Uma das coisas que mais me pegou quando eu cheguei aqui foi a quebra de preconceito (...) São Paulo é uma cidade muito preconceituosa (...) Em dois meses eu vendi tudo (...) e vim com a cara e a coragem". (Heloísa Helena Medeiros, paulista, moradora de Canoa Quebrada há 9 anos).

Assim como com os nativos, os valores atribuídos à paisagem de Canoa Quebrada foram bastante positivos e até decisivos, ao optar pela nova moradia. Entretanto, o valor ecológico é mais enfatizado, pois o fator ocupação urbana e suas conseqüências desastrosas nas frágeis falésias e dunas foram ressaltados por esses novos moradores, atribuindo-se fortemente essa degradação, não só física, mas também social, à presença dos estrangeiros:

"A natureza aqui é uma coisa muito forte, muito grande. Aqui parece que o céu está mais próximo, o sol brilha mais. Este visual... (...) Tem que preservar, tem que ter campanha de conscientização ..."

Eles (os nativos) não sabem o valor disso (paisagem), foram criados aqui a vida toda, não dão o



devido valor...". (Fábio Rocha, 39 anos, mineiro, morador de Canoa Quebrada há 5 anos).

"São pessoas (gringos) que vieram para cá capitalizando, tentando pisar, inclusive, em cima dos outros. (...) São pessoas que nunca fizeram nada pela comunidade. (...) Chego a escutar coisas do tipo: 'Eu estou pouco me danando para os problemas daqui. Eu dou o calote que eu quiser e depois vou embora e quero ver quem me acha na Europa'. (...) Escolhem a mulher mais inculta para casar (...) e aí então fica mais uma mulher abandonada, mais uma criança, uma mulher que vai mudar sua realidade, (...) e vai ter que voltar para sua origem. Isso socialmente é um crime" (Neíta Braul, gaúcha, moradora de Canoa Quebrada há 12 anos, terapeuta ocupacional).

Uma peculiaridade sobre esses novos moradores é que todos os entrevistados desenvolvem algum tipo de trabalho voluntário na comunidade, e são bastante atuantes socialmente. Esse novo modo de viver, de luta, de olhar para o futuro de forma mais otimista, condiz com o que Milton Santos<sup>40</sup> aponta: os migrantes, os novos moradores tendem a criar uma identidade com o novo lugar mediante as novas experiências a que são submetidos, sem a contaminação do passado que os nativos carregam.

Dessa forma, para familiarizarem-se, interessam-se por todos e por tudo o que acontece, possuem melhor consciência crítica, já que vêem "de fora" os problemas, brigam por novas alternativas, buscando com a afetividade que os atraiu para Canoa Quebrada, experienciar o novo espaço de modo a transformá-lo em seu lugar.

Para Tuan<sup>41</sup>, essa afeição por um lugar pode surgir por diversos fatores, mas "um tipo de afeição profunda, pode se formar simplesmente com a

---

<sup>40</sup> Ver SANTOS, 1997.

<sup>41</sup> Ver TUAN, 1983.



familiaridade e tranqüilidade, com a certeza da alimentação e segurança, com as recordações de sons e perfumes, de atividades comunais e prazeres simples acumulados através do tempo”, como demonstra o seguinte depoimento:

“Gosto de morar aqui e me sinto bem. Porque eu sou uma pessoa muito sentimental e bairrista. Me agrada essa coisa de dar dez passos e dizer 20 ‘bons-dias’... Conhecer todo mundo me gera uma certa segurança (...)” (Heloísa Helena Medeiros, paulista, moradora de Canoa Quebrada há 9 anos).

“Eu conheço mais gente daqui do que muita gente que nasceu aqui” (Fábio Rocha, 39 anos, mineiro, morador de Canoa Quebrada há 5 anos)

“Eu conheço, mais do que os lugares, todas as pessoas de Canoa Quebrada. (...) Um fator que eu acho muito importante é poder estar com meus filhos, almoçar com eles, estar próximos. Esse aspecto contribui muito para eu gostar de morar aqui” (Andrezza Santos, psicóloga, moradora há 16 anos).

Quanto ao envolvimento com as causas de Canoa Quebrada, relatam:

“Abraço hoje as causas de Canoa Quebrada. Sofro. Sinto. Tenho as melhores intenções, muitas vezes não compreendidas. (...) A gente vem de outra cultura, outros lugares e a maioria desse povo (nativos) mal conhece Fortaleza, eles não têm idéia do seja uma cidade, não entendem de erosão, de construção...” (Neíta Braul, gaúcha, moradora de Canoa há 12 anos, terapeuta ocupacional).



"Eu sou muito atuante em termos de comunidade. Eu me interesso. (...) Eu percebo que as pessoas de fora têm a noção de que pode melhorar, se pode mudar alguma coisa, quem tem que fazer somos nós mesmos. Os nativos têm aquela posição um pouco mais comodista. Se é para mudar, alguém vai fazer." (Heloísa Helena Medeiros, paulista, moradora de Canoa Quebrada há 9 anos).

"Desde que eu cheguei eu comecei com um trabalho social ajudando na escola, no Recicriança. Era muito isso que eu buscava, um espaço em que a vida tivesse mais significância." (Andrezza Santos, psicóloga, moradora de Canoa Quebrada há 16 anos).

O fenômeno da aculturação ocorrido em Canoa Quebrada também é percebido de forma consciente por esse moradores. Reconhecem que esse processo possuiu um lado negativo e outro positivo, diferentemente dos nativos que, apesar de admitir que houve mudanças nos costumes da comunidade, o aspecto econômico foi, e ainda é, o mais importante. Quanto ao fator negativo, levantados pelos moradores não-nativos, já foi citado o fato de a comunidade ter sido explorada e ludibriada por alguns estrangeiros que buscavam atingir seus objetivos lucrativos. Entretanto, os moradores não-nativos brasileiros ressaltam que também trouxeram influências boas como hábitos de higiene, a cultura de estudar para se qualificar e melhorar de vida, além de hábitos alimentares mais saudáveis, como relata uma moradora mineira:

"A gente (forasteiros) mudou muito na mudança de padrões de comportamento dessa nova geração. Estudar melhor, higiene, saúde, em termos de comportamento, os homens passaram a ser mais companheiros, a dividir responsabilidade com as mulheres, com os filhos. Isso foi uma mu-



dança positiva." (Andrezza Santos, psicóloga, moradora de Canoa Quebrada há 16 anos).

Do exposto, o que se pode aferir é que, dos moradores não-nativos de Canoa Quebrada, há dois grupos bem distintos: estrangeiros e brasileiros. Para os estrangeiros, conhecidos como gringos, o fato de poder afirmar "Eu não sou daqui" é motivo forte para não sentir-se do lugar, não responsabilizar-se por ele, nem muito menos envolver-se com as causas da comunidade. Segundo uma moradora gaúcha, "seus objetivos estão muito claros: o de enriquecer às custas da descaracterização ambiental e da comunidade de Canoa Quebrada".

Quanto aos brasileiros, o envolvimento e a afetividade que desenvolveram durante os poucos ou muitos anos que vivem em Canoa Quebrada, os aproximam bastante do sentimento de pertencimento ao lugar. Apesar do pouco tempo de moradia em relação aos nativos, visto que TUAN considera fundamental um passado, um tempo vivido, para sentir um lugar, suas práticas espaciais, experiências, sentimentos e conceitos tornam o espaço de Canoa Quebrada, além de vivido, também percebido, diferentemente dos nativos, e sonhado, sugerido na grade de práticas espaciais de Harvey<sup>42</sup>. Nesse sentido, Tuan também admite: "Viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas."

## TURISTAS

As operadoras e os turistas não atuam diretamente na produção do espaço, através de ações concretas de organização espacial, mas é em função deles que o espaço de Canoa Quebrada cresce, valoriza-se, modifica-se a cada dia e tem seu espaço apropriado e consumido.

São os visitantes — a maioria passa somente parte de um dia — os grandes protagonistas de um espaço produzido para o turismo. As operadoras turísticas programam, controlam a atividade e vigiam o uso que se impõe

<sup>42</sup> Ver HARVEY, 1993.



sobre o espaço, pois decidem quando vão ser feitas as visitas, em quanto tempo, o que vai ser visto, onde os turistas vão consumir etc.

Não foi o turismo industrializado, inicialmente, que descobriu e criou uma imagem turística de Canoa Quebrada, mas sim jovens contestadores que transformaram a comunidade num tipo de sociedade desejada. Os agentes do turismo, dentro deste processo, vieram num segundo momento, para se apropriar dessa imagem.

A paisagem também é alterada com a presença dos turistas. Como não estabelece uma relação com o lugar, principalmente em função do tempo de visita curto e programado, o turista, que carrega consigo seu modo de vida urbano, muitas vezes protagoniza também cenas de aniquilamento do patrimônio natural de Canoa Quebrada, com o lançamento de lixo na praia e nas ruas, circulação e estacionamento indisciplinados de veículos em faixa de praia e falésias, "esculturas" e inscrições nas falésias etc.

Outro aspecto relevante diz respeito à alteração do espaço vivido da população local para a qual é imposta, em épocas de alta estação, uma rotina movimentada e atribulada, nas principais vias do núcleo. A partir de, mais ou menos, dez horas da manhã chegam vários ônibus, quase que ao mesmo tempo, e descem 20 a 30 turistas de cada ônibus, que são recepcionados pelos *bugueiros*, que os acompanham até seus veículos e os transportam aos locais de interesse. Ao final do dia, os turistas são "recolhidos" no mesmo local.

Uma aspecto aqui a ser considerado é o fato de o visitante não caminhar por Canoa Quebrada. O ato de caminhar é uma forma de apropriação do lugar e isso não ocorre. Cria-se uma idéia de reconhecimento do lugar, mas não o seu conhecimento, não se descobre o verdadeiro significado do lugar.

A rotina tranqüila do local, então, volta a prevalecer somente até à noite, quando uma nova apropriação do espaço ocorre: a rua Broadway é fechada com correntes, transformando-se em calçada exclusivo para pedestres, e os bares, restaurantes e boates funcionam, às vezes, até o dia amanhecer, sem obediência a horário e volume máximo de som, permitido, gerando conflitos de vizinhança.

Entretanto, constatou-se também que existe outro tipo de turista, que passa mais tempo, convive com a comunidade, cria vínculos afetivos e vivencia um pouco o lugar, como confirma uma pousadeira de Canoa Quebrada:





“Tem turista que também traz benefícios. Tem pessoas com boa índole, que se encantam, amam a troca, convivem conosco. Esse turista é bom. Comem com a gente, se hospedam, passam férias, trazem seus filhos, brigam por Canoa. É uma troca muito boa.(...) Turista ruim é aquele que chega nesses ônibus (de operadora), que só deixa recurso em determinado estabelecimento, deixa sujeira, destruição das falésias (...) Não conhecem Canoa Quebrada e saem com uma imagem errada, difamando... Esse turista é maioria (...), que deixa esse sentimento de ambição, de discórdia entre o povo que vive de barraca, comércio pequeno... .” (Neíta Braul, gaúcha, pousadeira).

Os turistas trazidos por operadoras, que só viram o que foi selecionado, conduzidos por guias, acabaram por homogeneizar-se na forma pela qual percebem o espaço de Canoa Quebrada e relacionam-se com ele, com poucas exceções. A maior parte valoriza os aspectos ambientais relacionados à natureza, remetendo-se a frases feitas (talvez já mencionadas pelo guia durante a viagem): “isso é um paraíso”, “é de uma beleza encantadora” (...). Averiguou-se, assim, pouco senso crítico quanto à sua percepção de Canoa Quebrada.

Quanto às exceções, verificou-se que ocorreram com turistas que saíram um pouco do esquema das operadoras, que caminharam, passearam pela vila, passando a ter uma visão diferenciada, como relata um entrevistado:

“A primeira imagem que tive de Canoa não foi muito boa. Descendo, vendo aquelas falésias destruídas, aquela ocupação irregular de barracas na praia... (...) A praia está muito maltratada. (...) Sempre gosto de sair da rua principal, ir para as ruas de dentro do lugar. Gosto de saber como as pessoas vivem...” (Cláudio Araújo, 27 anos, funcionário público, turista do Rio Grande do Norte).



Como ressaltado por Carlos<sup>45</sup> existem espaços turísticos que, apesar de basearem-se na lógica da troca, do espaço como mercadoria, também podem ser local de encontros e de chances de se estabelecer vínculos com o lugar.

A pesquisa realizada com turistas em Canoa Quebrada sugere que estes vínculos são possíveis, e o envolvimento e a afetividade que ligam alguns turistas a Canoa Quebrada fazem com que a vila deixe de ser um espaço abstrato, fragmentado, para transformar-se num lugar de desejo, ou num espaço percebido e imaginado.

Entretanto, a grande maioria dos turistas se encaixa num padrão de percepção homogeneizado de pouca consciência crítica. Percebeu-se que os desejos, os anseios, o imaginário permeado por paisagens criadas e manipuladas predominam em suas mentes. A realização pessoal, a concretização de suas fantasias deixam pouco tempo e espaço para uma reflexão mais apurada, valorizando, assim, somente a paisagem de Canoa Quebrada socialmente produzida, e não a vivida e experienciada.

### **PROPRIETÁRIOS FUNDIÁRIOS E INCORPORADORES**

Os proprietários atuais de parcelas de todo o território de Canoa Quebrada apropriaram-se não só de terras devolutas públicas, mas de áreas já com certo grau de adensamento de ocupação dos primeiros nativos do núcleo, através do simples registro em cartório ou através de usucapião. Essa forma de apropriação foi questionada numa publicação do jornal local:

“Historicamente as dunas não valiam um centavo. Local de difícil acesso e construção, ficaram até o ano de 1975 sem titulação particular, configurando o local como de terras públicas. (...) Os especuladores descobriram a falta de títulos particulares e se valendo do pouco interesse do verdadeiro dono, que é o Governo, ‘fabricam’ escri-

---

<sup>45</sup> Ver CARLOS, 2001



turas de usucapião e outras, se valendo da displicência dos cartórios, polícia, judiciário, políticos e comunidade (...). De posse dos documentos os 'donos' vendem para outros e assim os registros vão passando de mão em mão e desta forma se perde a 'origem pública', como se um objeto roubado depois de vendê-lo várias vezes ficasse legalizado, ou então, aproveitam para querer ganhar fortunas através da 'indústria da indenização'". (Jornal Canoaracati, Ano III, nº XV, p. 3, 2001).

Estes agentes têm, então, garantido o direito de auferirem renda em razão da existência da instituição jurídica da propriedade privada e tem apenas interesse no valor de troca da terra. Em Canoa Quebrada, eles também assumem o papel de incorporadores imobiliários. Nesse caso, a terra é parcelada e comercializada em forma de lotes e o proprietário obtém, tanto a renda como o lucro.

Em entrevista concedida para esta pesquisa, um dos principais loteadores de Canoa Quebrada relata como se deu o processo de apropriação dessas terras:

"Em 1978, comprei parte das dunas através de um corretor com o pessoal da Beirada, Cumbe e Canavieira (povoados localizados próximos a Canoa Quebrada). Em 1982, comprei outra gleba, já regularizada. Ficava em casa de nativos, levava 2 bugres, uma caminhonete, duas equipes de topógrafo, uma advogada e sacos de dinheiro. Ficava em Canoa em torno de 20 dias. Comprava tudo, levava para o cartório para regularizar." (Sr. Walkimar, um dos "donos" de Canoa Quebrada. Entrevista realizada em 28 de julho de 2003).

Não obstante não terem sido implantados os loteamentos destes proprietários, projetados na década de 80, somente a intenção de implantá-los.



suscitou a viabilização de acesso ao núcleo através da construção da estrada, desencadeando o processo de massificação do turismo e apropriação desenfreada do espaço. O próprio loteador confirma sua iniciativa:

"Fui eu que fiz a estrada subindo o morro, descendo a praia e a que margeia a praia. (...) Com a estrada, começou a subir tijolo, cimento, gelo. O forró passou a ser a óleo diesel. (...) Eu trouxe energia, levava nativo para médico, custeava o Natal das famílias... (...) Comprava de 2 a 3 páginas de revistas famosas lançando Canoa Quebrada. Abri escritório em várias cidades para vender terrenos. Levava 4 a 5 ônibus com gente do Brasil inteiro para conhecer Canoa e comprar lotes. Eu tinha uma espécie de barraca "stand de vendas", com caranguejo e bebida para todo mundo. Em 1982, foram vendidos 4.000 lotes. Ninguém construiu nos lotes comprados na época porque ou era para investimento futuro ou porque Canoa começou a ficar com má fama, essas coisas..." (idem)

Atualmente, esses proprietários interessaram-se novamente pela execução dos loteamentos, apesar de todo o questionamento quanto à regularidade de posse destas terras.

Sabe-se que a aprovação desses projetos, além de já ter caducado conforme a lei, se deu de forma irregular, com o registro em cartório anterior à aprovação da Prefeitura e sem que o parcelamento obedecesse aos requisitos básicos urbanísticos.

Considerando os fatos e relatos coletados, constatou-se que a percepção de Canoa Quebrada por parte dos proprietários fundiários restringe-se ao espaço enquanto mercadoria a ser consumida aos pedaços e enquanto palco de conflitos de classes.

Dessa forma, as práticas espaciais realizadas são somente materiais e resumem-se ao domínio e controle deste espaço através de sua apropriação privada. As relações pessoais restringem-se ao domínio e manipulação dos



nativos e compradores de lotes. Não foi verificado nenhum vínculo afetivo ou de familiaridade com a paisagem de Canoa Quebrada, que é percebida somente como atratividade turística, passível de enquadrar-se em um padrão urbano, sob leis de mercado mediante estratégias imobiliárias.

## ESTADO

O Estado ocupa um papel fundamental no processo de produção do espaço, pois pode assumir a função de mediador dos conflitos entre os demais agentes, pode ser produtor direto do espaço, através de implantação de equipamentos e infra-estrutura, e produtor indireto do espaço, regulando o uso do solo urbano.

Através da regulamentação do uso do solo, o Estado tem papel fundamental na valorização de espaços, tendo em vista que, por meio da legislação e do planejamento, ele cria limitações, impedindo ou induzindo os usos do solo, direcionando-os para padrões sustentáveis de uso ou estimulando a devastação.

Por outro lado, como produtor de espaços, responsável pela implantação de grandes obras, o Estado tem sido o maior agente impactante no espaço, notadamente nas zonas costeiras, com a capacidade de reverter tendências e gerar novas perspectivas de ocupação.

A ação do Estado processa-se em três níveis político-administrativos e espaciais: federal, estadual e municipal.

Ao município, constitucionalmente, foi dada a atribuição de promover a política urbana. O artigo 30 da Constituição Federal dispõe sobre a competência dos municípios, que devem: "(...) VIII – promover, no que couber, adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo urbano; (...)". O artigo 182 diz que a política de desenvolvimento urbano deve ser executada pelo Poder Público municipal, que deve "ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes".

Desta forma, cabe aos municípios, através do plano diretor e de sua legislação urbanística municipal, instituir instrumentos e padrões urbanísticos e ambientais, associados a um sistema eficaz de gestão e fiscalização do solo urbano. Tal controle do uso e ocupação do solo deve ser feito de



forma articulada com outras linhas de atuação responsáveis pela gestão da cidade como as de transportes, de preço da terra, de qualidade do meio ambiente etc.

Alguns problemas típicos podem ser enfrentados pelos municípios: escassez de recursos e conflitos de interesses entre proprietários de terra, agentes de mercado imobiliário e usuários de terrenos e edificações.

Em Canoa Quebrada, muito embora a falta de recursos seja uma constante, a omissão é a marca principal da participação do Poder Público municipal na produção do espaço quanto ao disciplinamento do solo. Os dispositivos pertinentes à Lei Federal de Parcelamento do Solo e ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, aprovado em 2000, não são observados e cumpridos no que tange à aprovação e fiscalização de loteamentos e construções.

Quanto à implantação de infra-estrutura, a construção da estrada de acesso do núcleo, no início de 80, cuja responsabilidade seria do município, foi obra da iniciativa privada. A implantação da rede de abastecimento de água foi produto de governos estaduais passados.

Os serviços urbanos referentes aos sistemas de esgotamento sanitário e drenagem urbana, pavimentação e iluminação pública das principais vias foram projetados para todo o núcleo, quando da elaboração do Projeto de Requalificação Urbana de Canoa Quebrada, no primeiro semestre de 2002. Todavia, para uma primeira etapa das obras, em função dos recursos disponíveis limitados, foram priorizadas as áreas de maior concentração de comércio e serviços voltados ao turismo, demonstrando o papel que o poder público tem em reforçar a valorização de espaços já privilegiados.

Segundo a comunidade, a omissão imperante que se fez presente ao longo desses últimos 20 anos é responsável pelo caos que se instalou em Canoa Quebrada:

"Eu responsabilizo (os problemas de Canoa ) a falta de uma legislação própria, de uma organização. Eu acho que a Prefeitura, o Governo do Estado tinham obrigação de saber do processo que estava sendo desencadeado. Isso aqui estava no abandono..." (Andreza, moradora há 16 anos).



"Eu tentei recorrer aos órgãos municipais, não consegui. Me disseram: 'Canoa Quebrada é terra de sem dono, ninguém pode fazer nada'." (Neíta Braul, moradora há 12 anos).

"Estamos tentando falar com a Prefeitura desde junho de 2002 sobre os problemas de Canoa (...) Você roda e acaba caindo num problema: a omissão do poder público". (Fábio Rocha, morador há 5 anos).

Até mesmo o principal proprietário fundiário, beneficiado por tal omissão, remete ao Poder Público a responsabilidade pelo crescimento desordenado de Canoa Quebrada:

"Faltou 'pulso' dos governantes da época. A Prefeitura era totalmente omissa" (Walkimar Santos).

Verificou-se, através de alguns relatos, que grande parte da omissão da Prefeitura em relação a Canoa Quebrada deve-se ao fato de ainda existir preconceito com a comunidade, em função de sua má fama de outras épocas, e também da dificuldade de diálogo com alguns membros, notadamente com os estrangeiros, considerados mal-educados.

Pode-se aferir que uma das características do espaço, reportadas por Lefebvre, de controle administrativo e de instrumento político de controle social que o Poder Público tem, é quase inexistente em Canoa Quebrada. Não se pode dizer que tal fato não traga conseqüências negativas, tendo em vista que a omissão também é uma forma obscura de controlar os lugares, beneficiando determinados segmentos da sociedade.

Sobre outras caracterizações de espaço destacadas por Lefebvre, evidencia-se, quanto ao Poder Público, a predominância de práticas espaciais materiais (produção de infra-estrutura física, transporte, comunicações etc) em relação a Canoa Quebrada, assim como ocorre com os grandes proprietários fundiários.

Entretanto, a distância/repulsão que a Prefeitura mantém em relação à comunidade e ao espaço de Canoa Quebrada, encontra-se no campo dos



espaços de representação (signos, códigos, etc), tendo em vista que a imagem negativa, um certo preconceito que existe em relação a comunidade resultam em uma prática espacial, ou seja, na omissão do controle e disciplinamento urbano e ambiental de Canoa Quebrada.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A premissa inicial, que fundamentou a realização deste trabalho de pesquisa, foi a de que os processos de produção e apropriação do espaço resultam das relações que o homem tem com a natureza e das relações que eles possuem entre si, não só em sua forma real, material, mas também através de formas simbólicas, notadamente, o pensamento.

No caso de Canoa Quebrada, no processo de valorização do espaço, seus objetos naturais, no dizer de Milton Santos, foram transformando-se em objetos sociais. Seus espaços foram capturados pela lógica da troca, pela perspectiva capitalista da comercialização da terra e da especulação imobiliária. O novo espaço criado fragmentou-se e hierarquizou-se.

A ferramenta utilizada, a análise da Percepção Ambiental dos agentes produtores do espaço de Canoa Quebrada, fundamentada em princípios de Yi-Fu Tuan, permitiu apreender que as experiências, as sensações, as idéias, os objetivos de cada grupo de agentes definem a sua interação com Canoa Quebrada.

Dessa forma, foi possível identificar, diante de uma mesma realidade, duas maneiras básicas distintas de diálogo com Canoa Quebrada. Essa dualidade do contato com este espaço permitiu focar Canoa Quebrada como uma paisagem vivida, percebida e valorizada e, por outro lado, como uma paisagem não vivida.

Os valores, os hábitos e as expectativas verificados através de conversas e observações de campo confirmam essas constatações: Canoa Quebrada é, ao mesmo tempo, espaço turístico, abstrato, fragmentado, mas é também espaço vivido e percebido. É, ainda, fundamentalmente, lugar, tendo em vista que é conhecido e dotado de significado e valor por vários agentes, notadamente os que têm mais idade, mais história, mais passado. Nessa perspectiva, Canoa Quebrada ainda pode ser analisada pela tríade habitante-identidade-lugar.





Apesar da invasão do turismo e de tantas implicações urbanas e ambientais negativas ligadas a essa atividade, verificou-se que a percepção do nativo é limitada e seletiva, impossibilitada de criar novas alternativas e novas práticas espaciais. A forte valorização do emprego e da renda impede uma visão mais crítica. O apego à paisagem, que não é considerada deteriorada, pois é, para eles, identitária do lugar, reflete a busca da identidade, a tentativa de se manter a familiaridade com o meio existente no passado. Além da relação com a paisagem, outros aspectos foram identificados como inerentes à dimensão do sentido de lugar, nas ruas residenciais na área do núcleo original, observando-se seus hábitos, seus comportamentos, suas experiências, seu cotidiano, que expressam indiretamente um "Eu sou daqui" carregado de significados e sentidos que são tecidos por uma história e uma cultura únicas, que produzem sua identidade (Exemplos: varais de roupas estendidos nas ruas, animais presos em árvores no meio da rua, crianças brincando, mulheres fazendo labirinto nas varandas, homens conversando nas calçadas, etc).

Conforme Kevin Lynch, o ambiente identificado, a paisagem conhecida por todos fornecem materiais para lembranças comuns e símbolos comuns, que unem o grupo e permitem comunicação dentro dele. Essa organização simbólica da paisagem ajuda a reduzir o medo do externo, de outras novas relações que se estabelecem. A familiaridade com a paisagem de Canoa Quebrada dá, então, segurança e bem-estar. Daí a resistência em admitir que a paisagem está se modificando.

O sentimento de pertença, como visto, também é compartilhado entre os moradores não-nativos brasileiros e alguns turistas que frequentam constantemente Canoa Quebrada por longas temporadas, e que desenvolveram uma afetividade e um envolvimento com o lugar; à medida que este adquiriu personalidade, tornou-se vivido.

Assim, Canoa Quebrada, apesar de ser lugar de passagem, de consumo, também ainda viabiliza oportunidade de encontros, de solidariedade, de laços de amizade. No caso, por exemplo, dos moradores não-nativos brasileiros, que passaram a ter uma relação afetiva com Canoa Quebrada, dotando-a de valor, transformando o espaço em lugar de vivências, experiências, sua ação social se expressa mediante práticas espaciais resultantes da percepção do espaço com uma consciência a mais que a dos nativos, um conhecimento diferenciado e uma ausência de passado no lugar, que permitem um comportamento mais atuante, menos "contaminado", e uma visão do futuro mais otimista.



Dessa forma, a luta para que Canoa Quebrada se requalifique, melhore suas condições ambientais e receba ordenamento e disciplinamento urbanístico vem desse agentes que trazem consigo pensamentos anteriores por sabermos como é uma cidade caótica, saturada, poluída, que prejudica a qualidade de vida das pessoas. Foi fugindo dessa realidade já vivida que esses novos moradores se instalaram em Canoa Quebrada, para experimentar o espaço imaginado.

Quanto à maior parte dos turistas, na verdade visitantes, estes não se apropriam, não estabelecem nenhuma relação com o lugar, além daquela voltada ao consumo, seja de serviços, seja da paisagem. Só fica, em seu imaginário, o reconhecimento do lugar e não o seu real conhecimento. Assim como os moradores estrangeiros, os "gringos", proprietários de hotéis, pousadas, bares e restaurantes, suas práticas resultam em degradação da paisagem e exploração de nativos. Como não há vínculo, não há compromisso com o lugar. Canoa Quebrada só representa espaço abstrato, portador de signos, que povoam seu imaginário, tão bem explorados pelas operadoras e pelos próprios moradores estrangeiros.

No caso dos proprietários fundiários e do Poder Público, aferiu-se que, dentro de suas especificidades, sua percepção em relação a Canoa Quebrada limita-se ao seu potencial turístico. Dessa forma, suas práticas espaciais restringem-se à implantação de infra-estrutura que a fomenta e a consolida como importante receptor turístico, e de compradores de lotes, parcelas da terra enquanto mercadoria, sem considerar nenhuma variável cultural ou afetiva.

O que se afere, por fim, é que um resgate da identidade do lugar junto à nova geração de canoenses faz-se urgente, tendo em vista a descaracterização ambiental crescente do núcleo e a perda gradual de antigos valores e costumes da comunidade. Caso não seja reforçada a autoestima dos jovens moradores, o sentido de lugar ainda constatado em moradores mais antigos poderá perder-se no tempo, e um novo espaço deverá sobrepor-se: artificial, vazio, e sem passado.



## REFERÊNCIAS

- BLEY, Lineu. Morretes. Um estudo de Paisagem Valorizada. In: DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia de (org.). *Percepção ambiental – a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Novas” Contradições do Espaço. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (org.). *O espaço no fim do século – a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 62-74.
- CASTRO, Iná Elias. In: YÁZIGI, Eduardo (org.) *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, p.121-40.
- CIRINO, Carlos Alberto Marinho. *Pescadores em terra – O caso de Canoa Quebrada*. O imaginário no processo de transformação de uma colônia de pescadores do litoral cearense. Fortaleza, 1990, 96p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Políticas de Turismo e Construção do Espaço Turístico – Litorâneo no Nordeste do Brasil. In: LEMOS, Amália Ines G. de (org.). *Turismo – Impactos Sócio-Ambientais*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 263-272.
- DANTAS, Shirley Carvalho. *Turismo, produção e apropriação do espaço e percepção ambiental: o caso de Canoa Quebrada*. Aracati, Ceará. Fortaleza, 2003, 191p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Ceará.
- DEL RIO, Vicente. Paisagens, Realidade e Imaginário: A Percepção do Cotidiano. In: *Paisagem e Ambiente: ensaios / Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*. N. 7 (1995). São Paulo, FAU, 1986.
- GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.
- LEFEBVRE, Henry. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1960.
- MACEDO, Sílvio Soares. Paisagem, Turismo e Litoral. In: YÁZIGI, Eduardo (org.) *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, p.181-213.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Natureza e Método de Análise do Espaço do Turismo. In: \_\_\_\_\_. *Turismo e espaço – rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 2001.



- \_\_\_\_\_. Geografia e Turismo – Reflexões Preliminares. In: \_\_\_\_\_. *Turismo e espaço* – rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 2001.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. *Produção e consumo do e no espaço* – problemática ambiental urbana. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997 b.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e lugar. A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- \_\_\_\_\_. Geografia Humanística. In: CHISTOFOLLETTI, A. (org). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- SERPA, Ângelo. A paisagem periférica. In: YÁZIGI, Eduardo (org.) *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, p.161-79.

